

Psicanálise e Toxicomania: o gozo da droga e a ruptura com o gozo fálico

Psychoanalysis and Drug Addiction: the drug's jouissance and the rupture with phallic jouissance

Flávia Costa Tótolí*
Cristina Moreira Marcos**

Resumo

Este trabalho tem como objetivo abordar a toxicomania através da psicanálise de orientação lacanianiana, para a qual importa menos uma definição da toxicomania do que o lugar e a função que a droga ocupa para o toxicômano. A partir da afirmação de que a toxicomania é transestrutural e de que cada sujeito possui sua peculiar relação com a droga, pretendemos demonstrar o uso da droga na neurose e na psicose, explicitando os diferentes modos de gozo e sua relação com o Outro e com o objeto. A afirmação de Lacan, segundo a qual a droga é o que permite a ruptura do casamento do sujeito com o falo e nos fornece o eixo central para a discussão.

Palavras-chave: Toxicomania. Psicanálise. Gozo. Neurose. Psicose.

Abstract

This work focuses in the study of Drug addiction through the lacanian psychoanalysis, where matters more the definition of where the drug places in the individual's life than properly define Drug addiction. From the affirmation that Drug addiction is possible in every structure, and that each individual has a peculiar relationship with the drug, we intend to show the use of drug in neurosis and psychosis, explaining the different ways of jouissance and its relation with the Other and the object. Lacan's statement that the drug is what allows the marriage rupture between the individual and phallus gives us the central axis for this discussion.

Keywords: Drug addiction. Psychoanalysis. Jouissance. Neurosis. Psychosis.

* Faculdade de Sete Lagoas, Sete Lagoas, MG, Brasil; Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Toxicomania e Psicanálise

Neste artigo, pretendemos discutir a questão da toxicomania e suas inserções na atualidade, através do enfoque psicanalítico de Jacques Lacan, a partir da perspectiva apontada por autores como J-A. Miller e outros. De acordo com Giansesi (2005), para localizar a toxicomania, na teoria psicanalítica, é necessário verificar a plausibilidade da inclusão do fenômeno, no próprio campo da psicanálise. Começamos por buscar a origem dessa terminologia. Segundo Santiago (2001), o termo toxicomania advém do discurso proferido pela psiquiatria, que, em meados do século XIX, passa a considerá-lo como categoria clínica específica, relacionada à inclinação impulsiva e aos atos maníacos. O autor postula, então, que a toxicomania, sob o ponto de vista psicanalítico, é efeito de um discurso, pois rompe com o paradigma desenhado pela psiquiatria, onde parece não haver sujeito em questão.

Podemos constatar, através de sua obra, que Freud nunca se dedicou, diretamente, às adições e às toxicomanias. Apesar de trabalharmos com algumas referências freudianas à droga – como em o *Mal-estar na cultura* (1930[1929]) – para ele as adições se apresentavam como algo que não diz respeito, diretamente, à psicanálise, apontando que os efeitos químicos, atribuídos às diversas drogas, costumam perder importância quando presentes nos ditos da análise e, mais além, quando os sujeitos a incluem, estão tentando lidar com sua já constituída relação com o mal-estar.

No que diz respeito às teorizações acerca da toxicomania no ensino lacaniano, Hugo Freda (1997/2005), em intervenção feita no Seminário de Miller *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, aponta que existem, exatamente, seis referências à toxicomania. Ele afirma que, ainda que essas referências não constituam uma teoria, elas oferecem certa concepção do fenômeno que deverá ser extraída do ensino lacaniano pelos psicanalistas com, o objetivo de orientar sua prática.

É preciso constatar também que Lacan nunca fala do toxicômano, mas sim de intoxicação, de toxicomania, de droga, de haxixe, de experiência vivida por alucinógenos. Deve postular-se, pois, que o toxicômano se encontra no interior desses termos, que há que construí-lo, inventa-lo, deixa-lo apto à psicanálise, o que implica de alguma maneira abrir-lhe nossa prática (FREDA, 1997/2005, tradução nossa).¹

¹ “También hay que destacar que Lacan nunca habla del toxicómano, pero si de intoxicación, de toxicomanía, de droga, de hachís, de experiencia vivida por alucinógenos. Debe postularse, pues, que el toxicómano se encuentra en el interior de estos términos, que hay que construirlo, inventarlo, volverlo apto al psicoanálisis, lo que implica de alguna manera abrirlo nuestra práctica.”

A primeira referência de Lacan à toxicomania data de 1938, em *Os complexos familiares*, e trata de uma saída oral como efeito de um traumatismo psíquico, onde o sujeito tende a reconstruir a harmonia perdida e esta busca aponta à assimilação perfeita da totalidade do ser. Enfatiza a resposta do sujeito frente à experiência de separação, a divisão que o desmame inscreve na existência.

Em *Formulações da causalidade psíquica*, 1946, encontramos a segunda referência de Lacan e, novamente, se põe em primeiro plano a separação. Segundo o autor, a intoxicação orgânica pode ser um intento ilusório de resolução para a questão da discordância primordial entre o eu e o ser. Nesta referência, compreendemos que a decisão da intoxicação só pode ser explicada na relação com o significante e na ordem da determinação, sem minimizar o desconhecimento que implica esta resolução.

A terceira referência é encontrada em *Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano*, de 1960. Através da experiência freudiana, Lacan propõe a noção do sujeito como tal, que põe em tensão com os estados de conhecimento e tendem a recuperar a unidade do sujeito, perante a constatação do abismo da divisão. Lacan formula que a experiência do alucinógeno ocupa um lugar ao lado do entusiasmo platônico e do samadhi² budista.

Para Freda (1997/2005), estas três primeiras referências constituem um conjunto muito preciso, definem um tipo de resposta do sujeito perante o reconhecimento da existência do inconsciente. Sobre a toxicomania, cabe concluir que a intoxicação em todas as suas formas é uma resposta não sintomática que tenta anular a divisão do sujeito, a marca de uma posição subjetiva caracterizada por um “não querer saber nada do inconsciente”. É uma eleição entre a afânise e o significante e o sujeito opta pela primeira.

As três últimas referências lacanianas se centram em torno de noções acerca da droga e da toxicomania. Em 1966, no artigo *O lugar da psicanálise na medicina*, encontramos a quarta referência. Lacan diz que o destino que o discurso da ciência reserva para a toxicomania gera uma nova definição desta e do estatuto dos novos produtos deste mercado, os tranquilizantes e os alucinógenos, ordenando novas práticas de cuidados aos médicos, como o uso controlado dos tóxicos e uma dimensão ética que se desdobra em direção ao gozo. Nesta referência, trata-se de um processo de deslocamento do gozo. “A função e o novo estatuto dessas substâncias fazem com que se tenha modificada a noção de toxicomania: o caráter policial original se transforma em orientação

² Samadhi é para o budismo o estado de controle completo das funções da consciência.

epistemossomática e redefina a noção da droga como produto da ciência (FREDA, 1997/2005)³”.

A quinta referência é retirada de *Le non-dupes errent*, (1973-1974), onde surge uma nova era, a partir da clínica dos nós. Lacan faz a equivalência dos três registros, real, simbólico e imaginário e assinala o final da concepção do inconsciente centrada no império do significante. Para que o sujeito siga este caminho, segundo Lacan, não há necessidade de “haxixe”. “Ainda que em tom de brincadeira, se faz sentir, se produz, contudo, um esvaziamento de sentido: a droga não é uma fonte de saber” (FREDA, 1997/2005).⁴

A sexta referência está em um de seus textos apresentados na Escola Freudiana de Paris intitulado *Clôture aux Journées d'Études des Cartels*, onde Lacan trata da relação de angústia com o descobrimento do pequeno pipi, da relação com a castração. “Daí a fórmula: Tudo o que permite escapar deste matrimônio é evidentemente bem-vindo, o que explica, por exemplo, o êxito da droga” (FREDA, 1997/2005).⁵ Assim, podemos supor uma aproximação entre a droga e “o que permite romper o casamento do sujeito com o pequeno pipi” (LACAN, 1975-1976a), que caracterizaria a função separadora da droga, no sentido de que o toxicômano não se deixa seduzir pelo gozo fálico, sexual, mas sim pelo gozo absoluto que a droga proporciona. Essa frase de Lacan constituiu-se como verdadeiro norte na abordagem da toxicomania pela psicanálise. Ao interpretá-la, não definimos a toxicomania, mas sim a questão da droga e seus usos.

Em relação à sua atividade clínica, a psicanálise vê-se assegurada de que a manifestação toxicomaniaca não é exclusiva de qualquer uma das três estruturas propostas. Um psicótico, um neurótico ou um perverso podem fazer uso problemático de drogas, e então serem classificados, a partir da referência médica, como quem sofre de transtorno de dependência de substâncias psicoativas. A estrutura, entretanto, é logicamente anterior a qualquer manifestação e surge do momento fundante do sujeito. Assim sendo, o psicanalista autoriza-se a afirmar que cada sujeito, estruturado segundo sua já constituída forma de organização do desejo, possui sua peculiar relação com as drogas – esta sempre amarrada ao modo estrutural (GIANESI, 2005).

³ “La función y el nuevo estatuto de estas sustancias hacen que se haya modificado la noción de toxicomanía: el carácter policial original se transforma en orientación epistemossomática y redefina la noción de la droga como producto de la ciencia.”

⁴ “Aunque el tono de broma se hace sentir, se produce, sin embargo, un vaciado del sentido: la droga no es una fuente de saber.”

⁵ “De allí la fórmula: todo lo que permite escapar a este matrimonio es evidentemente bienvenido, lo que explica, por ejemplo, el éxito de la droga.”

O toxicômano é então, para a psicanálise, um significante identificatório do sujeito. Situar a toxicomania no campo da psicanálise é admitir a existência de um fenômeno bem caracterizado, sem, no entanto, caracterizá-la como um conceito. J-A. Miller (1995), ao comentar as definições da toxicomania pela psicanálise, nos diz:

Não é uma definição da toxicomania, e sim uma tentativa de definição da droga enquanto tal. Talvez há que lhe dar todo o seu valor. Talvez na experiência analítica nos perguntemos menos pela toxicomania que pela droga em sua relação com o sujeito (MILLER, 1995).

O sujeito toxicômano e o Outro

Para abordar o conceito de toxicomania, a partir da psicanálise, como o efeito de um discurso, é imprescindível explicitar como o sujeito se relaciona com o Outro para então compreendermos a posição do sujeito toxicômano em relação a este Outro.

Lacan afirma, na década de 50, em seu *Seminário 3* que o inconsciente é estruturado como linguagem, que é a condição do mesmo. Essa ideia lacaniana de primazia do simbólico – e, portanto, do significante, nos mostra que o sujeito é submetido à ordem simbólica, que, por sua vez, tem seu esteio original na metáfora do Nome-do-Pai.

O sujeito faz laço social através do discurso, da linguagem, de um agente, um Outro, que é produto do endereçamento da palavra e tem a função de dar significados a esse sujeito. Assim, no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan (1964/1998) define a posição do sujeito em relação ao Outro, a partir das operações de alienação e separação, fundamentais na constituição do sujeito. A alienação é exemplificada por meio da operação relativa à teoria dos conjuntos, a saber, a união do sujeito com o Outro, que deixa uma perda: o sujeito é produzido pela ação da linguagem que o aguarda e é inscrito no lugar do Outro; o sujeito alienado é aquele que se identifica com o Outro cheio de significantes. Essa alienação pode ter consequências ao nível do gozo e da relação do toxicômano com a droga.

A separação requer que o sujeito se relacione com o Outro através da falta – para que haja a falta é necessária a presença do desejo – que ele consiga se separar da cadeia de significantes, ir além daquilo inscrito no Outro.

Em seu livro *Clínica del vacío*, o psicanalista Massimo Recalcati (2003) discute as patologias de dependência, incluindo a toxicomania. Recalcati revisita a perspectiva de Lacan de que o sujeito e o Outro não podem ser autônomos. O sujeito está submetido ao Outro na forma de uma dependência simbólica fundamental e é nesse sentido que “a condição do sujeito depende do que tem no lugar do Outro” (RECALCATI, 2003, *tradução nossa*).⁶

“Antiamor” é uma expressão usada por J-A. Miller (1995) para definir a posição do sujeito toxicômano, no que diz respeito ao seu vínculo com o Outro. O ódio, segundo Freud (1914) chega antes do amor e assume a forma de recusa do Outro como perturbador do estado de ser do sujeito. É, pois, uma declinação do antiamor, a recusa do vínculo com o Outro.

A relação do toxicômano com o objeto-substância se impõe sobre a relação simbólica entre o sujeito e o Outro, e é precisamente isso que confere ao sujeito uma ilusão de estar completo, de se realizar sem a intervenção do Outro simbólico. A fórmula proposta por Recalcati (2003) para a dependência patológica é a de que a dependência do objeto – no caso da toxicomania, a droga – é que tende a recusar a dependência estrutural do sujeito em relação ao Outro.

O ódio do toxicômano é o ódio pelo Outro, que ele pretende destruir através da droga. É o ódio mortal pela castração. A toxicomania é uma das novas formas de ódio contra o Outro, uma forma radical de antiamor.

Miller (1995) nos diz que a afirmação lacaniana da droga como o que permite romper o casamento do sujeito com o pequeno-pipi⁷ não é uma definição própria para a toxicomania, mas uma definição a respeito da droga e seus usos. Através disso podemos inferir que, para a psicanálise, é mais importante a relação que o sujeito estabelece com a droga do que conceituar a toxicomania em si.

Santiago (2001) afirma que as relações do objeto droga e seus efeitos estão vinculadas às particularidades do sujeito. Segundo o autor, para a psicanálise o sujeito faz a droga e não o contrário. O recurso à droga não é então exclusividade do fenômeno descrito pela psiquiatria, a toxicomania. Por isso, é importante frisar que cada sujeito denominado toxicômano possui sua relação singular com o objeto droga.

Parece-nos, ainda, necessária uma ressalva sobre a questão do sujeito que faz uso de drogas, bem exemplificada por Giansi: “Quando se fala sobre o discurso em análise e sobre essa função atribuída ao objeto droga, relativa ao

⁶ “*La condición del sujeto depende de lo que tiene lugar en el Otro.*”

⁷ Expressão usada por Lacan para dizer do encontro do sujeito com o falo.

seu efeito de prazer ou até de gozo, pressupõe-se a castração, a insígnia fálica, [...] supõe-se o sujeito neurótico” (GIANESI, 2005). A toxicomania, porém, não pode ser considerada como exclusividade de uma só estrutura clínica; podemos encontrar o uso de drogas na neurose, psicose ou perversão.

Fica claro então, que para a psicanálise a toxicomania não está ligada a nenhuma estrutura clínica especificamente, pois segundo Laurent (1994), o uso de drogas introduz a noção de ruptura com o gozo fálico – já explicitado nos processos de alienação e separação –, o que é insuficiente para definir ou conectá-la a uma estrutura clínica. “O uso da droga aponta, portanto, para a possibilidade de uma ruptura com o gozo fálico, sem que haja necessariamente a forclusão do Nome-do-Pai, desvinculando, assim, a noção de toxicomania da de estrutura clínica” (LISITA; ROSA, 2011).

Segundo Recalcati (2003) existem dois tipos de dependência: a constituinte – estrutural, simbólica – do sujeito em relação ao Outro frente ao roubo-doação desse Outro; e a relação patológica do sujeito em relação ao objeto-substância onde, justamente pelo gozo imediato, não filtrado pelo Outro, o sujeito tende a recusar a dependência estrutural desse.

Neste sentido as dependências promovem em geral o divórcio entre o sujeito e o Outro e a eleição do objeto no lugar vazio deixado no Outro pelo naufrágio histórico do ideal, segundo uma lógica que Jacques-Alain Miller explicou em *L'Autre qui n'existe pas* (RECALCATI 2003, tradução nossa).⁸

A primeira forma de dependência a que se refere o autor, a estrutural do Outro simbólico, supõe a existência do objeto como extraído pelo Outro, o que, conseqüentemente, produz o desejo do Outro, como um desejo de recuperar no Outro aquilo que foi perdido, roubado dele. A dependência estrutural do Outro simbólico designa, exatamente, a alienação do sujeito em relação ao Outro.

Já, a segunda forma de dependência, a patológica, implica, ao contrário da primeira, na existência do objeto-substância. A força desse objeto se dá porque implica um não à castração, o que o deixa demasiadamente próximo do sujeito. É esse excesso de proximidade que exclui o Outro e sinaliza problemas de separação do sujeito em relação ao Outro já mencionado.

O objeto-substância promete ao sujeito uma felicidade absoluta, pois se

⁸ “En este sentido las dependencias promueven en general el divorcio entre el sujeto y el Otro y la elección del objeto en el lugar vacío dejado en el Otro por el naufragio histórico del ideal, según una lógica que Jacques-Alain Miller ha explicado en *L'Autre qui n'existe pas*.”

configura como uma substância real, que se pode encontrar no mercado, ao contrário do objeto causa do desejo, que não se pode encontrar senão como forma de resto da Coisa que incita o desejo. Por isso, a dependência patológica não tem a ver com o amor pelo Outro, mas sim com o ódio mortal desse Outro, pois o amor requer a perda do objeto para que se possa buscá-lo no Outro. O objeto que escraviza o toxicômano é “[...] um objeto mais Coisa que objeto” (RECALCATI, 2003, tradução nossa).⁹ A substância faz com que o objeto perdido esteja sempre presente, mesmo quando ausente. “Na verdade, enquanto o símbolo se baseia na ausência da Coisa, no assassinato da Coisa, a dependência da presença e do consumo infinito do objeto mata o símbolo” (RECALCATI, 2003, tradução nossa).¹⁰

O gozo do toxicômano

Para nos referirmos ao gozo do toxicômano, levamos em conta a chamada toxicomania verdadeira, expressão utilizada por Laurent (1994), que entende o verdadeiro toxicômano como um sujeito neurótico que rompe, absolutamente, com o Outro. Faz-se importante ressaltar aqui, que a teorização de Laurent alude à toxicomania como verdadeira somente na neurose, mas não exclui a toxicomania como sintoma de outras estruturas clínicas.

Segundo Recalcati (2003), nas patologias de dependência, o Outro sexo é substituído pela assexualidade da substância e do gozo. O sujeito descarta o encontro com o Outro para, no consumo solitário do objeto, se assegurar da anulação da falta que o Outro introduz inevitavelmente. E aqui entra a questão do ódio e o antiamor: O ódio ocupa o lugar do amor de transferência e assume a forma extrema de recusa desta dependência constituinte do sujeito a respeito do Outro.

Esta posição de antiamor do sujeito acusa uma prática pulsional – como a do toxicômano – que se consuma como o empuxo do sujeito para alcançar um gozo puro, não falhado pelas leis do significante, um gozo absoluto, um gozo do ser (RECALCATI, 2003, tradução nossa).¹¹

⁹ “*Es un objeto más Cosa que objeto.*”

¹⁰ “*En efecto, mientras el símbolo se funda sobre la ausencia da la Cosa (Bion), en el asesinato de la Cosa (Lacan), la dependencia de la presencia y del consumo infinito del objeto mata al símbolo.*”

¹¹ “*Esta posición de antiamor del sujeto da cuenta de una práctica pulsional – como lè del toxicômano – que se consuma como empuje del sujeto por alcanzar un goce puro, no mellado por las leyes del significante, um goce absoluto, um goce del ser.*”

Se a mediação do Outro é negada, o empuxo ao gozo corre o risco de se tornar destrutivo, então aparece em cena o que Freud chamou de pulsão de morte. De acordo com Maurício Tarrab (2004) em seu artigo *Mais-além do consumo*, a paixão pela droga é uma figura de gozo encontrado no mundo contemporâneo e essa paixão se faz pulsão de morte. Essa pulsão habita o gozo do sujeito, parasitado por um excesso desse gozo.

É essa, segundo Recalcati (2003), a condição de fundo da toxicomania: o ódio recusa a mortificação exigida pelo Outro e mantém o sujeito, desesperadamente, vivo, cheio de gozo. Na toxicomania não existe alteridade, o gozo é sempre idêntico a si mesmo, só há a demanda infinita pelo objeto de consumo. A prática de gozo é uma mera prática pulsional.

O gozo toxicômano da seringa, da substância química, são modos diferenciados de reintroduzir no corpo, o gozo exteriorizado pelo significante. O gozo do Outro é o gozo do corpo. Segundo Valas (2001), o Outro do significante é definido como aquele que comporta uma falta radical, pois a lei do prazer, que é uma lei reflexa do corpo, torna esse gozo impossível. “Nesse aspecto, o sujeito só pode gozar do corpo do Outro tomado como objeto, se ele poupa esse corpo” (VALAS, 2001). O gozo do Outro é então, impossível, pois o Outro da linguagem se caracteriza por ser, segundo a expressão de Lacan, o “aterro limpo” do gozo. “O gozo é foracluído do lugar do Outro e retorna para o real. O Outro é barrado, separado do gozo pelo significante. O Outro é inconsistente, porque é o lugar de uma falta radical” (VALAS, 2001). Por isso, só se pode gozar do Outro fantasisticamente.

Assim, posteriormente, Lacan articula o gozo foracluído do lugar do Outro ao falo simbólico significante do gozo. Começa, então, a desenhar uma linha divisória entre o gozo do Outro, o gozo do corpo e a conceituação do gozo fálico. O gozo fálico se determina pelo significante e se manifesta como o que Valas chama de gozo parasitário, acrescido ao do corpo. O significante, então, separa o que é do registro do corpo do que é do registro do gozo propriamente dito e introduz no sujeito a dimensão de um gozo que é distinta da funcionalidade do corpo. O gozo fálico é, então, aquele acessível ao sujeito e isso só é possível devido à interdição da Lei.

Precisando que o gozo do Um, distinto do gozo do Outro, se encarna no órgão masculino, Lacan pode mostrar que a detumescência deve ter uma função de apelo à palavra, tornando possível a articulação linguageira. Efetivamente, parece que o processo da significância é subtraído a esse gozo do Um. A renúncia ao gozo fechado e estranho da Coisa permite ao sujeito

que aceita a Lei de interdição do incesto ter acesso à função simbólica da fala no campo da linguagem. Com isso, o gozo fálico se abre para ele, pelo meio da fala e do discurso (VALAS, 2001).

Assim, há primeiro o gozo do Outro antes da Lei, depois a Lei que o interdita e, enfim, o gozo fálico depois da Lei, resultado da cifragem do gozo corporal pelo significante. Então, a linguagem incide sobre o corpo, implicando em um vazio, e essa “dupla operação”, diz Espinha (2004) “é a produção de ‘um furo’¹² nesse real”.

De um lado o significante engendra o gozo, o que faz de sua marca o significante traumático que produz uma irrupção de gozo; de outro, o significante esvazia o gozo do corpo. O gozo se introduz desde que, pelo traço do significante, o corpo natural, o organismo vivente se separa do que Freud deu o nome de libido. O significante introduz um gozo correlacionado a um sujeito de um inconsciente (ESPINHA, 2004).

Portanto, o gozo do toxicômano é um modo de o sujeito anular sua divisão, mas que, na realidade, se reproduz de outra forma, – como, por exemplo, o toxicômano que tenta controlar sua dependência da substância – essa mesma divisão em uma forma menos subjetivada.

Segundo Recalcati (2003), em concordância com Lacan, o Outro extrai algo do sujeito ao mesmo tempo em que lhe doa algo. Rouba o gozo e lhe doa um duplo consolo, o consolo do símbolo na condição de eliminar a Coisa do Gozo pela ação do Outro¹³ e o consolo do desejo, que só existe devido à falta, ao vazio.

Nas patologias da dependência, falham tanto o consolo do símbolo como o do desejo. No lugar da metáfora simbólica se apresenta a Coisa como tal e no lugar da metonímia do desejo se impõe o gozo sempre igual, da mesma Coisa. “Ao se rebelar perante o roubo do Outro o sujeito não pode se valer sequer da doação desse Outro: o símbolo é assassinado pela Coisa, e o desejo é inundado pelo gozo” (RECALCATI, 2003, tradução nossa).¹⁴ Por isso, no objeto droga sobrevive a Coisa e o sujeito tenta preservá-la como propriedade sua. A droga seria, segundo o autor, um nome da Coisa e não do objeto perdido.

¹² Um *O nó do trauma, da linguagem e do sexo*, Sandra Espinha se refere ao vazio deixado no real do corpo pelo significante como sendo “um vazio”, que tem a consistência de um Um.

¹³ “*Cosa del goce por obra del Outro*” expressão utilizada por Recalcati na página 151.

¹⁴ “*Al rebelarse ante el robo del Otro el sujeto no puede valerse siquiera de la donación del Otro: el símbolo es asesinado por la Cosa, el deseo es inundado por el goce.*”

A causa da dependência é, então, a transformação da mesma na Coisa objeto de desejo, que, inundado pelo gozo, posiciona o sujeito no círculo vicioso de desejar a Coisa/droga para alcançar tal gozo.

Retomando a teorização lacaniana, em que a droga é aquilo que permite romper o matrimônio com o falo, é necessário nos debruçarmos sobre o que Naporstek (2008) chama de momento de solda, o momento de inscrição do falo. Chamamos atenção para a tese lacaniana do falo.

No *Seminário 23*, o autor nos diz que é necessário mais do que um “pedacinho de pau” para se crer macho. O falo é a conjunção desse pedacinho de pau com a função da fala. Para que ocorra a inscrição do falo, é preciso “fazer de um órgão um instrumento” (LACAN, 1975-1976b/2005), fazer com que o órgão comece a responder à palavra. Neste sentido, Lacan concorda com a tese freudiana da diferenciação de órgão e instrumento, pênis e falo. “A possibilidade de ser um órgão que tem capacidade de ereção é crucial para que o pênis se ligue ao falo” (NAPARSTEK, 2008).

No *Seminário 4*, Lacan (1956-1957/1995) indica que o falo é a imagem ereta do pênis, sendo o falo mais importante por sua ausência que por sua presença. O complexo de castração tem um papel crucial na inscrição fálica. Quando o sujeito se encontra na premissa universal de “todos têm o falo”, a castração ainda não está instalada ali, mas essa premissa é básica para sua instalação. Se a ausência se dá, a castração se instala enquanto tal. A característica essencial do falo é a de indicar, em termos simbólicos, sua ausência. A presença e ausência simbólica do falo são vividas no real da tumescência e detumescência do pênis. Isso também se dá na articulação com os três registros. Se no Real há um órgão que tenha a alternância real da detumescência e tumescência, isso se encaixa muito bem, imaginariamente, com as alternâncias simbólicas da presença e da ausência (NAPARSTEK, 2008).

O caso do Pequeno Hans ilustra a tese de que o que teria que estar enodado pelo falo irrompe como real, através da pulsão e produz angústia. A inscrição do falo não consegue dar ao pênis real um envoltório, não realiza a fusão, o enodamento. Assim, o sujeito toxicômano pode fazer a tentativa de sair do “casamento” pela via da passagem ao ato, que não implica metabolizar o gozo e fazer do órgão algo que lhe faça aceder ao Outro, ao Outro sexo. Por isso, não consegue separar o gozo do seu corpo.

De acordo com Naporstek (2008), se o sujeito está casado com seu órgão em detrimento do Outro sexo, ele faz a fuga do gozo fálico e pode encontrar dois caminhos para sair dessa posição: pela via do significante no campo fálico – o que possibilitaria uma análise – ou pelo caminho do real, como tentativa

de se enfrentar com a pulsão, subtrair-se do órgão quando ele se apresenta como insuportável, traumático.

A droga tem seu lugar em alguns casos aí, quando o sujeito toxicômano rejeita o gozo fálico, que é castrado e repleto de falta, para em seu lugar colocar a droga, que, supostamente, o aliviaria dessa falta. Lacan (1975/1976a) explica essa afirmação dizendo que tudo que permite escapar desse casamento é evidentemente bem-vindo, pois ele causa uma angústia, daí a droga como aquela que rompe com o casamento do sujeito com o falo. Por este motivo, o recurso à droga torna tão difícil o diagnóstico diferencial da toxicomania para a psicanálise, pois esse recurso camufla a relação do sujeito com o falo.

A droga seria um tipo de resposta a um momento lógico do sujeito, o momento da castração, da angústia. Ao invés de haver o caminho da formação do sintoma que faria um laço simbólico – como uma fobia no caso de Hans – o sujeito faz, como diz Grossi (2000), o curto-circuito – que é o caminho mais rápido – da droga.

Essa elaboração nos leva, diretamente, à problematização lacaniana da droga, pois se a droga é o que permite romper o casamento com o “pequeno-pipi”, é então o que promove um rompimento do sujeito com o gozo fálico.

É importante ressaltar que o recurso à droga, independente da estrutura psíquica, se refere à posição do sujeito com relação ao Outro e ao gozo, mas a função do objeto droga se difere em cada estrutura, pois o gozo extraído do objeto não é o mesmo. Na neurose, a droga pode promover uma ruptura com o gozo fálico, sem que haja a forclusão do Nome-do-Pai, permitindo ao sujeito experimentar um novo tipo de gozo, um gozo cínico que rechaça o Outro, que recusa que o próprio gozo do corpo seja metaforizado. É uma forma de desviar o desejo do Outro, da castração do Outro, através de um curto-circuito (MILLER, 1995). Já, na psicose, a droga não promove essa ruptura com o gozo fálico, à medida que ela é dada de antemão, pois já existe a forclusão. É fundamental ressaltar que a direção dada por Lacan a respeito da ruptura do casamento do sujeito com o pequeno-pipi não permite abordar o uso da droga na psicose.

Existe, então, uma diferença entre o uso da droga na neurose e na psicose. Acerca desta discussão, Laurent (1991), em seu texto *Estabilizaciones en las psicosis*, questiona a definição de Lacan de que a droga seria aquilo que permite romper o matrimônio do sujeito com o falo, para apontar seu uso na psicose, porque não seria possível localizar a droga como ruptura, uma vez que esta já está dada estruturalmente. Isto permite pensar que o gozo do psicótico com a droga se faz de maneira diferente do neurótico. A droga, na psicose, parece

exercer uma função bem específica, a de tratar o gozo sem significação que invade o sujeito.

Santiago (1992), no livro *O homem embriagado*, ao falar do valor identificatório do significante na toxicomania, diz que esse significante pode tornar-se para certos sujeitos, objeto de uma escolha. Ser toxicômano seria um recurso em face do impasse de uma neurose ou mesmo de uma psicose. Segundo o autor, “o traço clínico marcante do fenômeno toxicomaniaco traduz-se na tentativa do sujeito em obter a produção, mais ou menos regulada, de sua separação dos efeitos da alienação significante” (SANTIAGO, 1992).

O real do corpo se situa em torno do gozo fálico. Os toxicômanos esbarram com o casamento que todo sujeito deve contrair, do gozo fálico com o seu corpo. Segundo Santiago (1992), o recurso imperioso à droga é apenas um pretexto para fazer prevalecer a vontade de infidelidade do toxicômano, em face dessa acomodação do gozo fálico, que o incomoda. Como já explicitado, essa acomodação se dá na verdadeira toxicomania, aquela encontrada na neurose. Na psicose isto não é pertinente. O sujeito psicótico pode se valer da droga para vários usos: como uma identificação pelo significante toxicômano, que permite ao sujeito localizar o gozo no campo do Outro, podendo promover o desencadeamento; ou como uma possibilidade de apaziguamento do gozo sem limites, se relacionando com a suplência psicótica com o intento de regulação do gozo.

A tese da ruptura com o gozo fálico não autoriza abordar o uso da droga na psicose; recorreremos, então, à teoria lacaniana dos nós, o chamado último ensino, que o permite e explora o uso que este sujeito faz do objeto. Em seu último ensino, através das fórmulas de sexuação, Lacan faz a equivalência entre os três registros: real, simbólico e imaginário. Nele, o registro real sustenta uma existência própria e não é um produto da operação simbólica, como se teorizava no tempo anterior de seu ensino. Nos *Seminários 22* (1974-1975/s.d.) e *23* (1975-1976b/2005), Lacan introduz a teoria dos nós, que não invalida a clínica estrutural, mas propõe uma nova clínica a partir de três anéis – Real, Simbólico e Imaginário – se fizesse uma cadeia tal que o rompimento de apenas um, o do meio, tornasse os outros dois livres um do outro. Estabelece, então, que o pai é um *sinthoma*¹⁵, que cria o laço enigmático do imaginário, do simbólico e do real. O nó borromeano consiste na relação que faz com que tudo que é envolvido em um de seus círculos acabe envolvendo o outro.

¹⁵ Lacan retoma a antiga grafia da palavra *symptomé* e diz que essa maneira marca uma data, da injeção no grego, do que ele chama de *lalíngua*.

É através do estudo do caso de James Joyce, a quem Lacan atribui uma psicose não desencadeada, que o autor ilustra sua teoria do nó borromeano e inaugura o seu quarto termo, o *sinthoma*, que surge para completar o nó do imaginário, do simbólico e do real. No caso de Joyce, o *sinthoma* faz o laço que possibilita segurar, de modo borromeano, os três anéis que se encontravam rompidos no simbólico, e possibilitar assim, que sua psicose permanecesse não desencadeada.

Pensar na toxicomania, através da teoria borromeana, significa pensar a droga como o *sinthoma*, como o objeto que possibilita, na psicose, várias soluções, através de diferentes enodamentos. Assim, é possível localizar a droga na psicose de várias formas: como um substituto da função do gozo fálico, funcionando como um remendo imaginário, que proporciona ao sujeito sua construção significativa; como uma tentativa de suprir o Nome-do-Pai faltante, e amarrar, novamente, os registros soltos por uma psicose já desencadeada; ou como um objeto que possibilita ao sujeito a entrada no laço social, proporcionando uma suplência ou uma espécie de estabilização.

Desta forma, podemos confirmar a teoria psicanalítica, quando nos diz que é o toxicômano que faz a droga, e, independente de sua estrutura psíquica, ela tem uma função particular em cada caso.

Autoras

Flávia Costa Tótolli. Psicanalista, mestrado Psicologia/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), profa. graduação e pós-graduação, nas áreas de Psicologia, Psicanálise, Direito, Nutrição e Enfermagem/Faculdade de Sete Lagoas (FACSETE) e Centro Universitário UNA-Campus Belo Horizonte (MG). E-mail: flavia.totoli@gmail.com

Cristina Moreira Marcos. Psicanalista, doutorado Psicanálise, Universidade de Paris 7, docente programa de pós-graduação Psicologia/Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/Minas). E-mail: cristinamarcos@gmail.com

Tramitação

Recebido em 30/08/2016

Aprovado em 02/02/2017

Referências

ESPINHA, Sandra. O nó do trauma, da linguagem e do sexo. *Papéis de Psicanálise: Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais*. v.1, n.1, p.15-20, 2004.

FREDA, Francisco Hugo; MILLER, Jacques-Allain; LAURENT, Éric. La secta y la globalización. In: MILLER, Jacques-Allain; LAURENT, Éric. *El otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós. 2005. p. 303-324.

FREUD, Sigmund (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 81-110 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. (1930[1929]). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p.73-150. (ESB, 21).

GIANESI, Ana Paula Lacorte. A toxicomania e o sujeito da psicanálise. *Revista Psique*, ano IX, n.15, p. 125-138, São Paulo, jan-jun, 2005.

GROSSI, Fernando Teixeira. Comentário sobre o caso Alberto. In: BAHIA, Idálio Valadares; GROSSI, Fernando Teixeira; CIRINO, Oscar de Almeida. *Psicóticos e adolescentes: por que se drogam tanto?* Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania, 2000. p.74-76.

LACAN, Jacques. (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, ensaio de análise de uma função em Psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. 92p.

_____. (1946). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.152-196.

_____. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p.807-842.

_____. (1956-1957). *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. 227p.

_____. (1964). *O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 279p.

_____. (1966). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana*, n. 32, p.8-14, 2001.

_____. (1973-1974). *Le non-dupes errent*. Séminaire oral du mardi 13 novembre 1973. Inédito.

_____. (1974-1975 s.d.). *O seminário, Livro 22: R.S.I. Ed. Eletrônica Folio Views*, 1974

_____. (1975-1976 a). Clôture aux Journées d'Études des Cartels. *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, n.18., 1975.

_____. (1975-1976 b). *O Seminário, Livro 23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 249p.

- LAURENT, Éric. *Estabilizaciones en las psicosis*. Buenos Aires: Manantial, 1991. 128p.
- _____. Três observaciones sobre la toxicomania. In: SINATRA, E.; SILLITTI, D.; TARRAB, M. (Org.). *Sujeto, goce y modernidad II*. Buenos Aires, Atuel, 1994. p.15-22.
- LAURENT, Éric; MILLER, Jacques-Alain. O outro que não existe e seus comitês de ética. *Curinga*, Belo Horizonte, n.12, p.04-18, set.1998.
- LISITA, Helena Greco; ROSA, Márcia Maria Vieira. Os usos que o psicótico faz da droga. *Psicologia em Revista*, v.17, n.2, p.261-277, ago. 2011.
- MILLER, Jacques-Alain. Para uma investigación sobre el goce auto erótico. In: SINATRA, Ernesto; SILLITTI, Daniel; TARRAB, Mauricio (Org.). *Sujeto, goce y modernidad: fundamentos de la clinica*. Buenos Aires: Atuel, 1995. p.13-22.
- _____. A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (Org.). *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000. p.152-207.
- NAPARSTEK, Fabián. A tese lacaniana sobre a droga. *Revista de Psicologia Plural*, n. 27, p. 93-106, 2008.
- RECALCATI, Massimo. *Clínica del vacío: anorexias, dependencias, psicosis*. Madri: Editorial Sintesis, 2003. 398p.
- SANTIAGO, Jesus. Clínica da Toxicomania e do Alcoolismo no Campo Freudiano - Introdução. In: LECOEUR, Bernard. *O homem embriagado: estudos psicanalíticos sobre toxicomania e alcoolismo*. Belo Horizonte: Centro Mineiro de Toxicomania – CMT, 1992. p. 7-16.
- SANTIAGO, Jesus. *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 224p.
- TARRAB, Maurício. Mais-além do consumo. *Curinga*, n.20, p. 55-78, 2004.
- VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001. 120p.